



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PRÁTICA DE PRONÚNCIA NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: O “IPA CHART” COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Antônio Fernandes Dias Júnior
Ewerton Felix da Silva
Prof. Dr. Leônidas José da Silva Júnior

Universidade Estadual da Paraíba (PIBID/UEPB/Campus III)

juninhotecla36@gmail.com
ewertonfelix_gba@hotmail.com
leonidas.silvajr@gmail.com

Resumo: Na realidade da escola pública brasileira atual, o ensino-aprendizagem de segunda língua ainda é um desafio. Inúmeras razões compõem essa problemática. Dentre as prováveis dificuldades referentes à prática de pronúncia na sala de aula, destacamos o medo dos alunos ao serem colocados para executar/compreender os sons da língua ensinada, pois os mesmos sentem-se inseguros por não conseguirem tal produção. O presente artigo é um relato de experiência de um projeto intitulado “*A Prática de Pronúncia nas Aulas de Língua Inglesa: o ‘IPA CHART’ como ferramenta pedagógica*” realizado durante uma sequência de atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto de Língua Inglesa, do Campus III da UEPB, projeto este, cujo objetivo é expor o alunado à língua estrangeira, propondo-se então, aulas com o foco na “prática de pronúncia”, visando deixar os alunos habituados para a percepção de diferenças fonológicas, bem como, conscientizá-los quanto à existência de fonemas não existentes na sua língua materna, buscando-se assim, a desconstrução do pensamento errôneo, de que estes, nunca irão pronunciar corretamente certas palavras na língua inglesa.

Palavras-chave: PIBID, Ensino de Língua Inglesa, Prática de Pronúncia, *IPA Chart*.

INTRODUÇÃO

Na realidade da escola pública brasileira atual, o ensino-aprendizagem de segunda língua ainda é um desafio. Inúmeras razões compõem essa problemática como a carga horária reduzida (2 horas/aula semanais), a falta de base de conhecimentos prévios por parte dos alunos, a não exposição do aluno a língua estrangeira (L2), a desmotivação de professores e alunos, a falta de materiais didáticos, dentre outros fatores.

Dentre as prováveis dificuldades referentes à prática de pronúncia na sala de aula, destacamos o medo dos alunos ao serem colocados para executar/compreender os sons da língua ensinada, pois os mesmos sentem-se inseguros por não conseguirem tal produção e por pensarem



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que o inglês correto é o de grandes potências econômicas que têm a língua inglesa como língua materna.

Outro ponto referente às dificuldades e que devemos destacar, se dá no processo da transferência fonológica¹, ou seja, muitas vezes os alunos lêem as palavras em inglês e pronunciam como se o termo fosse da língua portuguesa. Sobre este processo, aponta Ramos (2009):

É muito difícil “evitar que os alunos pronunciem as palavras da língua-alvo como se fossem da lingual portuguesa”, afinal eles só conhecem aspectos do seu próprio idioma, não raro, com bastante dificuldade. A interferência é inevitável, particularmente quando se trata de alunos que, por serem pouco ou nunca expostos à lingual inglesa, evidentemente, acham o aprendizado “desnecessário, inútil para suas vidas e para seu cotidiano”. (p. 55)

Muitas vezes os alunos querem seguir (ou imitar) o mesmo padrão rítmico, cadência e entonação, dentre outros elementos que compõem a fala de um nativo de língua inglesa. E na busca dessa “fantasia fonética” obtêm um possível “fracasso”, o que acaba por frustrar e desmotivar o alunado na maioria das vezes, fazendo com que muitos desistam até de aprender a língua inglesa.

Deve-se nas aulas de língua inglesa, buscar desconstruir o mito do inglês tido como “padrão” ou “nativo”, tendo em vista o grande número de pessoas nativas de outra língua e que estudam inglês, o que acaba por propiciar inúmeras pronúncias diferentes, dentre as quais, a pronúncia/sotaque referente aos estudantes brasileiros, está incluída. Sobre tal idéia nos mostra Lima (2009):

Da mesma forma, somam-se pelo mundo afora outros falantes de inglês nativos das mais diversas línguas. Devido à expansão e domínio desse idioma, finalmente, chegou-se à conclusão de que não há um sotaque nativo de referência para todos aqueles que estudam e ensinam inglês como LE. Resultado da impossibilidade de eleger o modelo a seguir; de defender o inglês “mais correto”. (p. 71)

Tais agravantes, além de não oferecerem os elementos necessários para que as aulas obtenham resultados satisfatórios, ainda contribuem para uma prática de ensino baseada no ensino tradicional, focando-se muitas vezes, apenas nas estruturas gramaticais, criando-se assim, uma espécie de barreira entre o aluno e a língua estrangeira.

¹ Transferência Fonológica (TF) é o processo no qual os alunos pronunciam as palavras da língua inglesa, de forma semelhante e/ou da mesma forma como pronunciam as palavras em língua portuguesa devido às interferências fonêmicas (ALVES e BARRETO, 2012).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Nesta atividade, nosso objetivo é expor o alunado à L2, propondo-se assim, aulas com o foco na “prática de pronúncia”, deixando os mesmos habituados para a percepção de diferenças fonológicas, e também conscientizá-los quanto à existência de fonemas não existente na sua língua materna, buscando-se assim, a desconstrução do pensamento errôneo, de que estes, nunca irão pronunciar corretamente certas palavras, nem ao menos se comunicarem com os falantes que nasceram em um país que tenha o inglês como língua nativa (L1).

Consciente desta realidade desafiadora, elaboramos este projeto intitulado como: *A Prática de Pronúncia nas Aulas de Língua Inglesa: o "IPA CHART" como ferramenta pedagógica*. O presente artigo é um relato de experiência deste projeto, realizado durante uma sequência de atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto de Língua Inglesa, do Campus III da UEPB.

METODOLOGIA

Foram necessárias um total de 6 horas/aula para a realização deste projeto, aplicado em uma turma de 7º ano de ensino fundamental, com 22 alunos, sob supervisão da professora Risoleida Uchôa, no Centro Educacional Osmar de Aquino, na cidade de Guarabira – PB.

Na primeira aula de nosso projeto de prática de pronúncia, iniciamos um debate, questionando os alunos acerca das diferenças entre palavras que aparentemente “são escritas de uma forma e pronunciada de outra”, debate este, cujo objetivo era apurar as principais crenças dos alunos no que se refere à pronúncia de palavras em língua inglesa.

Após os alunos responderem às questões propostas, foram distribuídas fotocópias com uma imagem retirada da internet, do *International Phonetics Alphabet*, ou “IPA Chart”, logo em seguida ministramos uma aula de introdução à fonética de língua inglesa e seus símbolos. A imagem continha os símbolos fonéticos correspondentes a *Voicless Consonants*, *Voiced Consonants* e *Other Consonants*, além de *Long Vowels*, *Short Vowels* e *Diphthongs*, sendo estas três últimas, o foco principal deste projeto.

Na semana seguinte, foi entregue aos alunos, uma lista retirada do livro “*New English File – Beginner Student’s Book*”, intitulada “*Sounds and Spelling – Vowels*” na qual temos os símbolos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

fonéticos em seus usos comuns (quando se aproximam ao som da vogal da palavra) e em outras ocorrências (quando tais sons correspondem a conjunto de vogais, por exemplo).

No terceiro dia de aula, aplicamos um exercício de avaliação. O teste aplicado em sala contém atividades referentes à pronúncia e símbolos fonéticos, temas estes já trabalhados nas semanas anteriores. A fim de se avaliar a assimilação do conteúdo por parte do alunado, aplicamos uma “Avaliação”, com três questões, discriminadas abaixo:

- A primeira questão, voltada para “*Short and Long Vowels*” tinha uma coluna de palavras em inglês à esquerda, e símbolos fonéticos à direita. Ao ouvirem a pronúncia das palavras, os mesmos deveriam relacionar a palavra com o seu respectivo símbolo fonético, sendo privilegiados, nessa questão os “pares mínimos vocálicos”;
- A segunda questão possui o foco voltado para “*Diphthongs*”, questão esta na qual os alunos tinham um dado ditongo, com quatro palavras em seguida, as quais, a pronúncia era correspondente ao símbolo, ou não, cabendo aos alunos circularem as palavras com pronúncia diferente ao símbolo fonético mostrado;
- A terceira e última questão, corresponde ao inverso da anterior, e agora temos uma palavra, com quatro símbolos fonéticos em seguida, dos quais, os alunos deverão circular o símbolo correspondente à pronúncia desta.

Na quarta atividade de nosso projeto, separamos os alunos em grupos, e listamos os símbolos fonéticos estudados até então, no quadro branco. Em seguida, um aluno de cada grupo tirava um pedaço de papel de um envelope com várias palavras em inglês. Tal palavra era pronunciada pelos pesquisadores PIBID, e o aluno deveria relacionar a pronúncia com o símbolo fonético escrito na lousa, copiar a palavra do papel e em seguida, para medida de confirmação, a transcrição seria conferida no dicionário.

Na quinta aula, a proposta de encerramento se deu com a confecção de cartazes, onde novamente com os alunos separados em grupos, cada qual seria representado por um símbolo



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

fonético (pares mínimos), o qual seria o “tema” de seus respectivos cartazes, onde os alunos, com ajuda de todo o material trabalhado nas aulas anteriores, mostrariam os símbolos fonéticos tanto em seu uso comum, como nos casos de “exceção”.

Após a confecção dos cartazes, os alunos deveriam socializar suas produções, em forma de microseminário, com o auxílio dos pesquisadores PIBID, para os demais colegas e a professora.

Para então concluirmos nosso projeto de prática de pronúncia, aplicamos um questionário com questões de múltipla escolha, referentes às prováveis dificuldades destes alunos com a LI, a situações envolvendo pronúncia das palavras, e a respeito de atividades com o foco na prática de pronúncia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ministramos uma introdução à fonética e foi através desta aula que estes alunos tiveram o primeiro contato com o estudo dos sons, conseguiram deleitar-se com a proposta e entender que um estudo frequente e mais detalhado dos sons vai ajudá-los a progredir em relação a sua capacidade de produzir os sons desconhecidos e que causam maior desgaste no falante quando está adquirindo uma nova língua, decorrente a essa prática vivida em sala, o aprendiz certifica que terá uma melhor comunicação.

A avaliação aplicada na terceira aula de nosso projeto valia de 0 a 10, dia no qual a sala contava com 22 alunos presentes. Quanto às notas, 12 alunos tiraram abaixo de 7,0, ao passo que três alunos obtiveram nota 7,0; cinco destes alcançaram nota 8,0; e dois estudantes lograram a nota máxima, 10,0.

No quarto dia de nossa atividade, os alunos se mostraram um pouco envergonhados ou temerosos de ir ao quadro escrever as palavras nos espaços correspondentes aos sons vocálicos, no início. Mas à medida que os mesmos sentiam confiança e conseguiam identificar e relacionar a pronúncia com o símbolo fonético correspondente, observamos não só uma iniciativa vinda por parte deles para responder, bem como os grupos se ajudavam mutuamente, a fim de auxiliar seus colegas a responderem corretamente. Muitos deles se mostraram animados ao conferir a transcrição fonética no dicionário, o que os motivava mais ainda para participar da atividade.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Na confecção dos cartazes, muitos dos alunos usaram a lista retirada do livro “*New English File – Beginner Student’s Book*” a fim de ilustrar a cartolina e apresentar suas produções. A maioria dos alunos sentiu segurança em pronunciar as palavras escritas nos cartazes, pois contaram com o apoio dos pesquisadores PIBID, para expor os pares mínimos correspondentes ao “tema” do seu grupo.

Como resultado dos questionários aplicados no último dia de nossa atividade, obtivemos os dados a seguir:

1) Qual sua maior dificuldade ao pronunciar as palavras em inglês?	
Ouço pouco inglês por isso não consigo produzir os sons	05
Porque a pronuncia em inglês é diferente da palavra escrita	05
Porque tenho que falar sons diferente da língua portuguesa	03

Na primeira questão, pudemos observar que a prática do “*listening*” é algo que não está presente no cotidiano dos alunos, e por isso, estes sentem tamanha dificuldade para adaptar-se com as diferenças fonéticas/estruturais da língua inglesa. Por isso que há uma maior dificuldade quando os mesmos são desafiados a produzir os sons na L2, além do fato de estarem habituados apenas aos sons, cadências e ritmos da sua língua materna, o que muitas vezes os leva a pensar que irão falhar na prática da pronúncia.

2) Você acha que nas aulas de inglês devemos dar uma atenção maior a formar de falar as palavras?	
Sim	13
Não	-

Nos resultados da segunda questão, destacamos o anseio de todos os alunos para que as aulas de língua inglesa possam propiciar a oportunidade dos mesmos conhecerem as diferenças e variações fonológicas, a maioria dos alunos se mostrou curiosa em relação ao por que, de algumas palavras em inglês não serem pronunciadas do mesmo modo que são escritas.

3) O que você acha que pode acontecer se uma pessoa pronunciar uma palavra errada em meio a uma conversa em inglês?	
--	--



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Ficar envergonhado	08
Falar outra palavra com sentido diferente	03
Não querer falar mais em inglês	01
Não conseguir se comunicar com outro	01

Na questão sobre o que pode acontecer em uma conversa, caso alguém pronuncie uma palavra de forma errada, a maioria dos alunos apontam a vergonha como o ponto central caso ocorra essa falha por parte do indivíduo/aprendiz que deseja interagir com seu interlocutor através da linguagem oral. Em seguida, temos três respostas referentes a uma possível “confusão” no diálogo, pois ao se pronunciar uma palavra de forma errada “*a outra pessoa entenderia algo diferente do que você quer dizer*”.

4) Você gostaria de estudar Fonética (estudo dos sons) nas aulas de língua inglesa?	
Sim	13
Não	-

Na quarta e última questão, os alunos se mostraram curiosos e animados e afirmaram que o estudo de fonética é de extrema importância nas aulas de língua inglesa.

CONCLUSÃO

Perante o que foi apresentado, concluímos que a prática de pronúncia/fonética, infelizmente ainda é uma realidade distante destes alunos, os mesmos sofrem por não conhecerem as variações fonológicas da língua alvo, criando-se assim uma barreira no tocante ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira.

Por esses sons serem inexplorado em sala, os alunos encontram-se sem as ferramentas necessárias e indispensáveis para assim, executar uma comunicação com êxito. Ainda em relação aos sons referentes à língua inglesa, boa parte dos alunos sente dificuldade devido ao fato de alguns destes sons, não possuírem correspondentes na língua portuguesa, ao que citamos Ramos (2009):

De toda sorte, é sempre bom reforçar o fato de que há apenas oito sons vocálicos e seis ditongos no nosso idioma, contra dez e doze, respectivamente, em inglês. Esse ponto, aparentemente tão simples, é suficiente para impor à maior parte dos brasileiros muitas dificuldades no aprendizado de inglês. (p. 58)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Foi notório o avanço fonológico e o desenvolvimento articulatório dos alunos, os mesmos sentiram-se confortáveis em relação à exploração realizada em sala dos sons que não eram familiares a eles, pois conseguiram pronunciar corretamente as palavras que até então eram consideradas por eles difíceis e entediadas, por nunca ter o contato real com a maneira em que devia realizar a locução de certos fonemas, desconstruindo a visão negativa que muitos aprendizes têm na aquisição de uma L2 quando o assunto é colocar a pronúncia em prática.

Percebemos a necessidade e o anseio por parte dos discentes para trilhar um caminho através da fonética até a língua almejada (neste caso a Língua Inglesa) e também o quanto é importante a prática de pronúncia e o “IPA Chart”, que é um brilhante instrumento para cooperar minuciosamente no desenvolvimento oral do indivíduo que está adquirindo uma L2.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ubiratã K.; BARRETO, Fernando M. **O processamento e a produção dos aspectos fonético-fonológicos da L2.** In: LAMPRECHT, Regina (org). *Consciência dos sons da língua: Subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa.* 2 ed, Porto Alegre, EDPUCRS, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira /** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

LIMA, Joceli Rocha. Correção de pronúncia e a identidade do aluno de letras. In: LIMA, D. C. de. (Org.) **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

OXEDEN, Clive; LATHAN- KOEING, Christina. **New English File - Beginner.** Oxford, 2007.

RAMOS, Elizabeth. Transferência fonológica e ensino de língua inglesa. In: LIMA, D. C. de. (Org.) **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.